

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 • 1996

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1996

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 • 1996

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

CAPA - João Luís Cardoso

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Palma Artes Gráficas, Lda. - Mira de Aire

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Ao Prof. Manuel Farinha dos Santos,
em testemunho de grata homenagem
e admiração, dedica

O Autor

ESTATUETAS ZOOMÓRFICAS DE TERRACOTA DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS)

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 - CONDIÇÕES DO ACHADO

No decurso da 13^a. campanha de escavações realizada em 1995 no povoado pré-histórico de Leceia, dirigida pelo signatário, investigou-se uma área situada no exterior da fortificação calcolítica, dispositivo constituído por três linhas de muralha articuladas entre si. A referida área, distanciada menos de 10 m da primeira linha defensiva, revelou uma estrutura de época campaniforme de planta elíptica, definida por alinhamento de blocos de calcário, fundados em camada terrosa, acastanhada, contendo abundante espólio característico do Neolítico final. Tal camada corresponde à primeira ocupação do povoado pré-histórico: trata-se da Camada 4 da sequência estratigráfica geral ali definida (CARDOSO, 1994, 1995). Verifica-se, pois, na referida zona, lacuna estratigráfica correspondente à ocupação mais importante do povoado pré-histórico, situável no Calcolítico inicial e no pleno.

Os materiais agora estudados, que incluem também os exumados na campanha de 1996, foram recolhidos no interior do recinto campaniforme, a *Estrutura FM*, na camada assente no substrato geológico subjacente ao nível da sua fundação (Fig. 1 a 4); reportam-se, deste modo, ao Neolítico final. A sua raridade justifica divulgação imediata, através do presente trabalho.

2 - DESCRIÇÃO DOS MATERIAIS

Trata-se de doze fragmentos de terracota (quatro com colagem), todos com fracturas antigas, de, pelo menos, três estatuetas maciças, representando suídeos. Todos os fragmentos jaziam em área circunscrita, de cerca de 4x6 m, assinalada nas Fig. 1 a 4. As características da pasta de todos eles é idêntica: textura média, elementos não plásticos quartzo-feldspáticos, com raras palhetas micáceas dispersas e colorações castanho-chocolate, a castanho-avermelhadas, especialmente na superfície, contrastando com núcleos mais escuros (o que sugere ambiente oxidante na fase final da cozedura).

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

Materiais recolhidos em 1995

1 - Cabeça, fracturada ao nível do colo, e incompleta na parte superior. Os olhos encontram-se assinalados por duas depressões punctiformes, feitas com estilete ou punção, utilizado igualmente para a marcação das duas narinas e da boca. Salienta-se o notável realismo da representação; comprimento máximo - 79 mm; largura máxima - 46 mm; altura máxima - 50 mm (Fig. 5).

2 - Porção anterior do dorso, incluindo a cintura escapular, bem modelada, e parte do arranque dos membros anteriores. Avulta o cuidado dispensado à saliência dorsal, bem como à porção dos membros anteriores conservada; comprimento máximo - 70 mm; largura máxima - 80 mm; altura máxima - 56 mm (Fig. 6, nº. 2).

3 - Porção posterior do corpo, correspondendo à cintura pélvica, conservando o membro posterior direito e arranque do oposto. Nota-se a saliência dorsal, bem modelada, terminando por curto apêndice caudal, sobreposto a cavidade bem delimitada; a sua morfologia é clara: trata-se da abertura da vagina, delimitada pelos grandes lábios, cuja turgidez sugere a época do cio. Tal como nos fragmentos descritos anteriormente, a volumetria dos membros, bem como a do órgão sexual, assume carácter muito realista; tal evidência é ainda sublinhada pela morfologia da pata conservada, onde se encontra assinalada a separação entre as duas unhas anteriores, por depressão longitudinal, bem como a presença da unha posterior, através de saliência; comprimento máximo do fragmento (correspondente ao membro completo) - 53 mm; largura máxima - 76 mm; altura máxima - 98 mm (Fig. 7).

4 a 7 - quatro segmentos de membros anteriores e posteriores, mais ou menos completos. Evidenciam-se dois tamanhos: o maior, representado pelos exemplares da Fig. 8, nº. 1 e 4, são compatíveis com um exemplar de tamanho idêntico ao dos fragmentos representados na Fig. 6, nº. 2 e na Fig. 7. O primeiro fragmento (Fig. 8, nº. 1) é atribuível a membro posterior, por analogia com o representado na Fig. 7; o segundo dos fragmentos referidos (Fig. 8, nº. 4) mais alongado do que aquele, corresponde a membro anterior; esta diferenciação morfológica tem expressão real: com efeito, o corpo dos suídeos selvagens e dos domésticos de raças não melhoradas é mais desenvolvido e, sobretudo, mais alto na porção dianteira. As duas peças em apreço caracterizam-se, com efeito, por uma representação anatómica realista, possibilitando atribuir a primeira ao membro posterior direito e a segunda ao membro anterior esquerdo. Correspondendo o exemplar da Fig. 8 também ao membro posterior direito, conclui-se que, no mínimo, existiam duas estatuetas zoomórficas de suídeos de dimensões semelhantes.

Os restantes exemplares, de menores dimensões, pertencem pelo menos a uma terceira estatueta (Fig. 8, nº. 2 e 3). Evidenciam, todavia, a mesma qualidade plástica já observada nos fragmentos anteriores sendo, por isso, identificáveis, o primeiro de membro posterior esquerdo (Fig. 8, nº. 2), o outro de membro anterior esquerdo (Fig. 8, nº. 3), talvez da mesma peça. Na Fig. 6, nº. 1 reúnem-se os fragmentos de tamanho compatível, permitindo reconstituir globalmente um dos exemplares de maiores dimensões.

Estas estatuetas encontravam-se fixadas, pelas extremidades dos quatro membros, a um suporte, talvez uma placa de barro que lhes servia de base. Tal evidência é comprovada pela fractura que as faces inferiores das patas ostentam, na parte central, correspondente àquela fixação; tais bases poderiam suportar mais do que uma estatueta. Não recolhemos, contudo, nenhum fragmento que permita considerar tal hipótese.

Materiais recolhidos em 1996

8 - Fragmento de membro posterior esquerdo, compatível com o conjunto de menores dimensões. Na base, verifica-se que apenas uma pequena protuberância assegurava a fixação da peça a um suporte (Fig. 9, nº. 1);

9 - Fragmento de membro de lado e posição indeterminada (Fig. 9, nº. 2);

10 - Cabeça, idêntica à descrita, mas ligeiramente menor, talvez pertencente a exemplar de tamanho mais pequeno (Fig. 9, nº. 3).

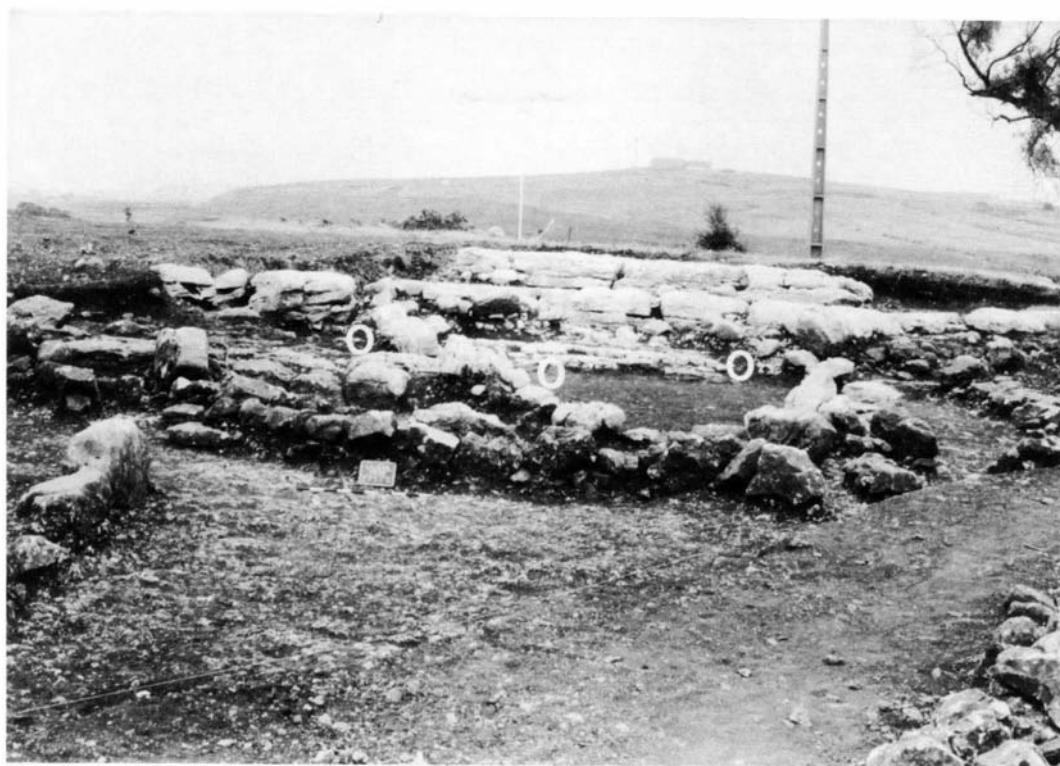


Fig. 1 – Leceia 1996. Localização (com círculo branco) dos materiais estudados na camada assente no substrato geológico, subjacente ao nível de fundação da *Estrutura FM*. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 2 – Leceia 1996. Pormenor da *Estrutura FM*, assente na camada terrosa onde se recolheram parte dos materiais estudados (assinalados com círculo branco). Foto de J. L. Cardoso.

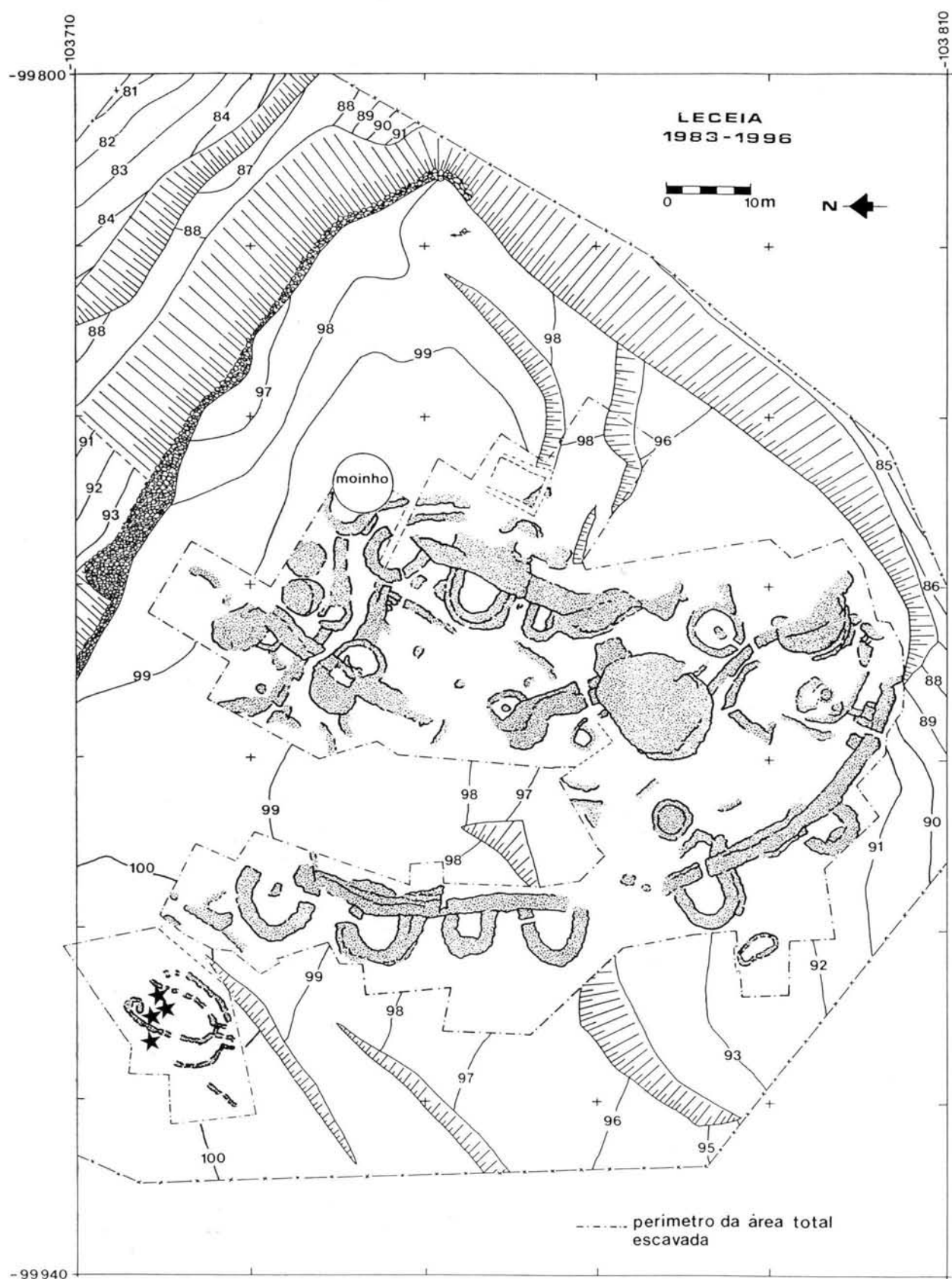


Fig. 3 – Leceia 1983/1996. Planta simplificada do povoado pré-histórico. As estrelas indicam os locais de recolha dos materiais estudados, sob a *Estrutura FM*.



Fig. 4 – Leceia 1995/1996. Pormenor da *Estrutura FM*, com localização dos materiais estudados (estrelas).

3 - COMPARAÇÕES

Em Portugal, são muito escassos os paralelos para este tipo de esculturas zoomórficas. Avultam dois recipientes, um recolhido na gruta do Carvalhal, Turquel e outro no povoado fortificado calcolítico de Olelas, Sintra.

3.1 - O vaso da gruta do Carvalhal, Turquel (Alcobaça)

A primeira referência e reprodução do vaso zoomórfico exumado na gruta do Carvalhal deve-se a CARTAILHAC (1886, Fig. 142 a 144). Muito mais tarde, FRANÇA (1950), dedica-lhe pequena nota. O vaso volta a ser reproduzido, fotograficamente, por SANTOS (1972, Fig. 100), tendo sido descrito por SPINDLER & FERREIRA (1974), de cujo trabalho se extraiu a Fig. 10, nº. 3. Pertence às colecções do Instituto Geológico e Mineiro (Lisboa). Tem o comprimento de 174 mm.

A gruta conservava numerosos materiais arqueológicos de diversas épocas, com largo predomínio dos atribuíveis ao Neolítico final e à Idade do Bronze. Ocorrem ainda materiais calcolíticos, avultando diversos ídolos de calcário. Na ausência de indicações estratigráficas para qualquer das peças do espólio, serão apenas critérios de ordem tipológica dos materiais exumados que poderão conduzir à integração cronológico-cultural da peça em apreço.

No concernente à tipologia, avulta o contorno oval da abertura, que por este facto se aproxima das taças neolíticas de boca oval, de que se conhecem diversos exemplares da Estremadura, em contextos atribuíveis ao Neolítico médio e/ou final. Nestas circunstâncias, o exemplar da gruta do Carvalhal seria neolítico, o que estaria conforme à predominância de materiais desta época ali recolhidos. Porém, a aludida forma da abertura poderá, tão-somente, ser consequência da morfologia geral da peça; assim, não é de lhe atribuir importância decisiva. A semelhança com o exemplar de Olelas (SERRÃO & VICENTE, 1958), este indubitavelmente calcolítico, a par da especificidade deste tipo de artefactos, é critério válido para conferir ao exemplar do Carvalhal idêntica cronologia; a dificuldade em situar culturalmente esta peça, foi, com efeito, experimentada pelo arqueólogo que a noticiou, há mais de um século (CARTAILHAC, 1886, p. 114) bem como por Camarate FRANÇA (1950).

3.2 - O vaso do povoado calcolítico fortificado de Olelas (Sintra)

As escavações realizadas na década de 1950 no importante povoado de altura de Olelas, conduziram ao reconhecimento de estratigrafia e de estruturas bem como à recolha de um importante e diversificado espólio (SERRÃO & VICENTE, 1958). Entre este, avulta um vaso de calcário branco saçaróide representando um suídeo, com o comprimento de 130 mm, munido de uma ampla cavidade oval na face dorsal (Fig. 10, nº. 1). Provém da camada A da área adjacente ao monumento 1, então identificado como sepultura, mas que se verificou ulteriormente corresponder a bastião da fortificação calcolítica (GONÇALVES, 1993). Segundo esta nova interpretação, o achado provém do lado interno da muralha correspondente. A respectiva camada, muito abundante em espólio, continha copos e taças caneladas, características do Calcolítico inicial, conjuntamente com fragmentos cerâmicos do Calcolítico pleno e, até, campaniformes. Os dois autores que a escavaram localizam, em planta, os achados mais importantes, entre os quais diversos artefactos de cobre e um ídolo-falange calcolítico. Todos os materiais exumados se conservam no Museu Regional de Sintra.

Se a cronologia calcolítica deste vaso não oferece dúvidas, a sua integração cultural com maior pormenor é problemática, mesmo após a descrição da estratigrafia obtida junto do terceiro bastião do recinto fortificado (GONÇALVES, 1993). Verificou-se que a sua construção e utilização se integrava no Calcolítico inicial da Estremadura, demonstrada pela presença de “copos” canelados, datada de 4330 ± 120 BP e 4400 ± 45 BP. As cerâmicas do Calcolítico pleno e do Calcolítico final (campaniforme) ocorriam já em camada de derrube e abandono da fortificação, tal como em Leceia (CARDOSO, 1994, 1995). Tais elementos, porém, pouco acrescentam à integração cronológico-cultural da peça. Com efeito, verificou-se que “todo o conteúdo do monumento havia sido remexido, destruído e disperso” (SERRÃO & VICENTE, 1958, p. 101), tanto horizontal como verticalmente; nestas condições, o vaso zoomórfico poderá integrar-se tanto na fase de construção e utilização da estrutura defensiva, integrável no Calcolítico inicial, como já no seu período de decadência (Calcolítico pleno) ou, mesmo, abandono (campaniforme); de todas estas fases culturais forneceu a camada onde jazia esta peça materiais significativos.

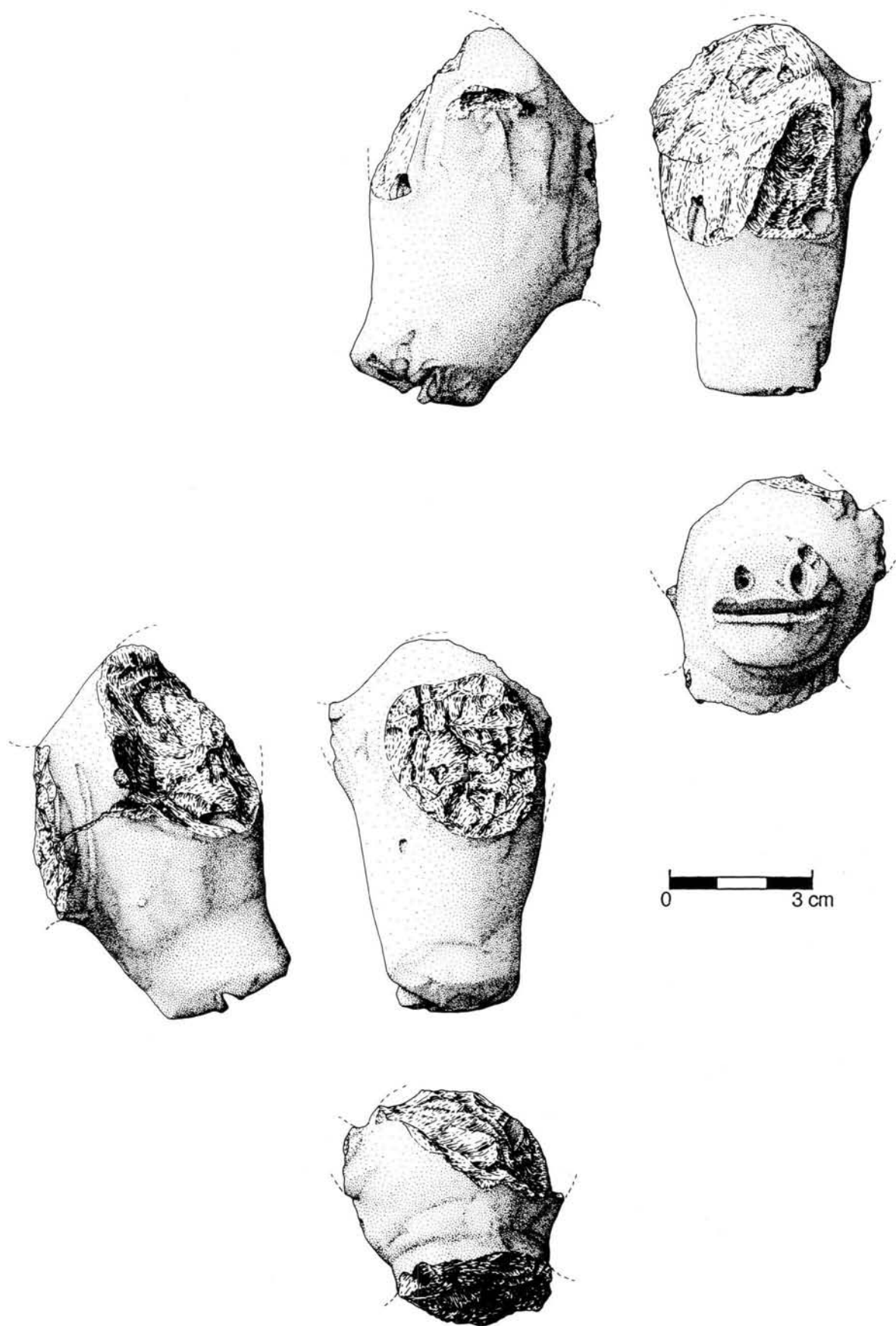


Fig. 5 – Leceia 1995/1996. Uma das cabeças de suídeo estudada. Exemplar recuperado em 1995.

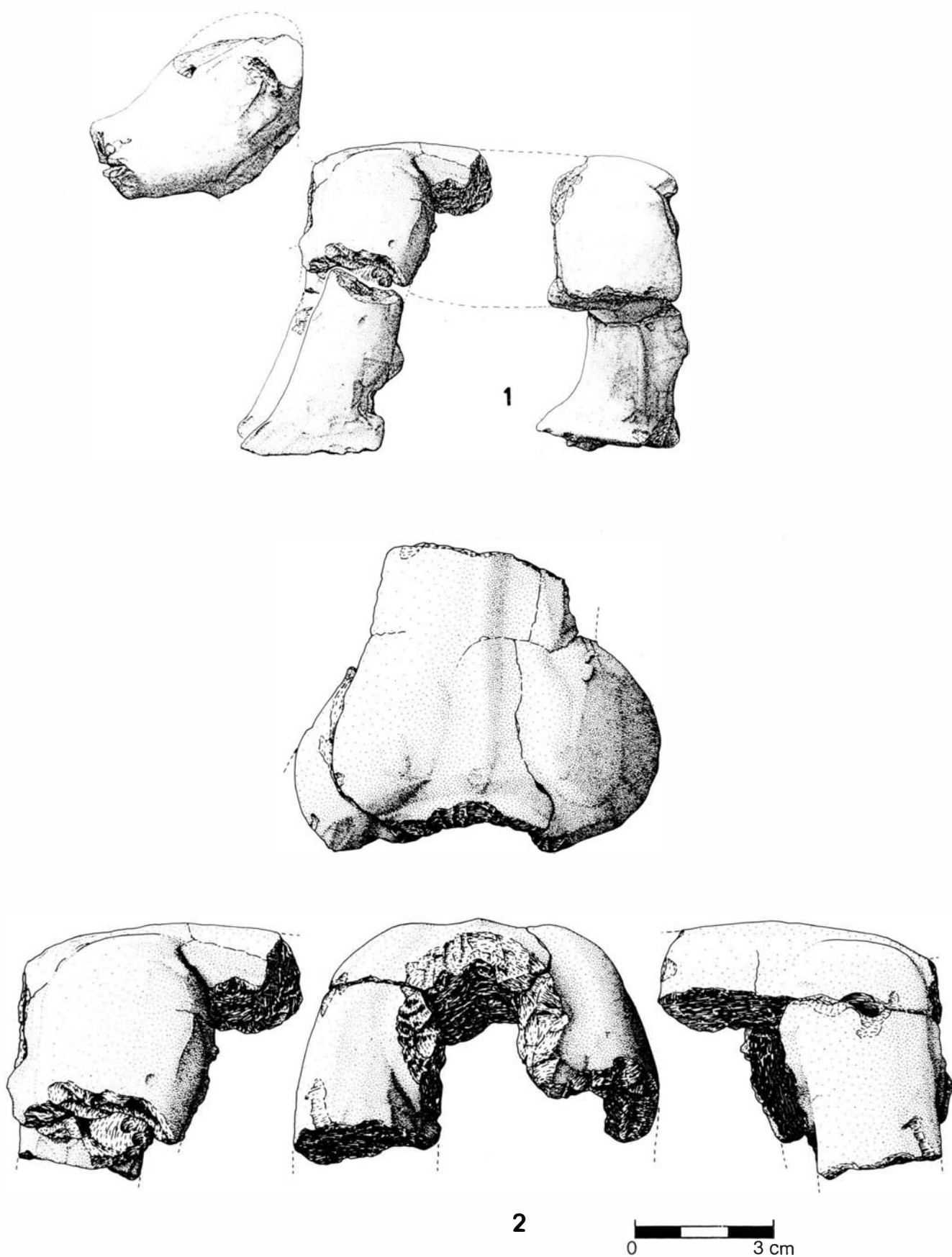


Fig. 6 – Leceia 1995/1996. Reconstituição de uma das estatuetas de terracota (em cima) e porção anterior do dorso, evidenciando-se a qualidade plástica do modelado. Exemplos recuperados em 1995.

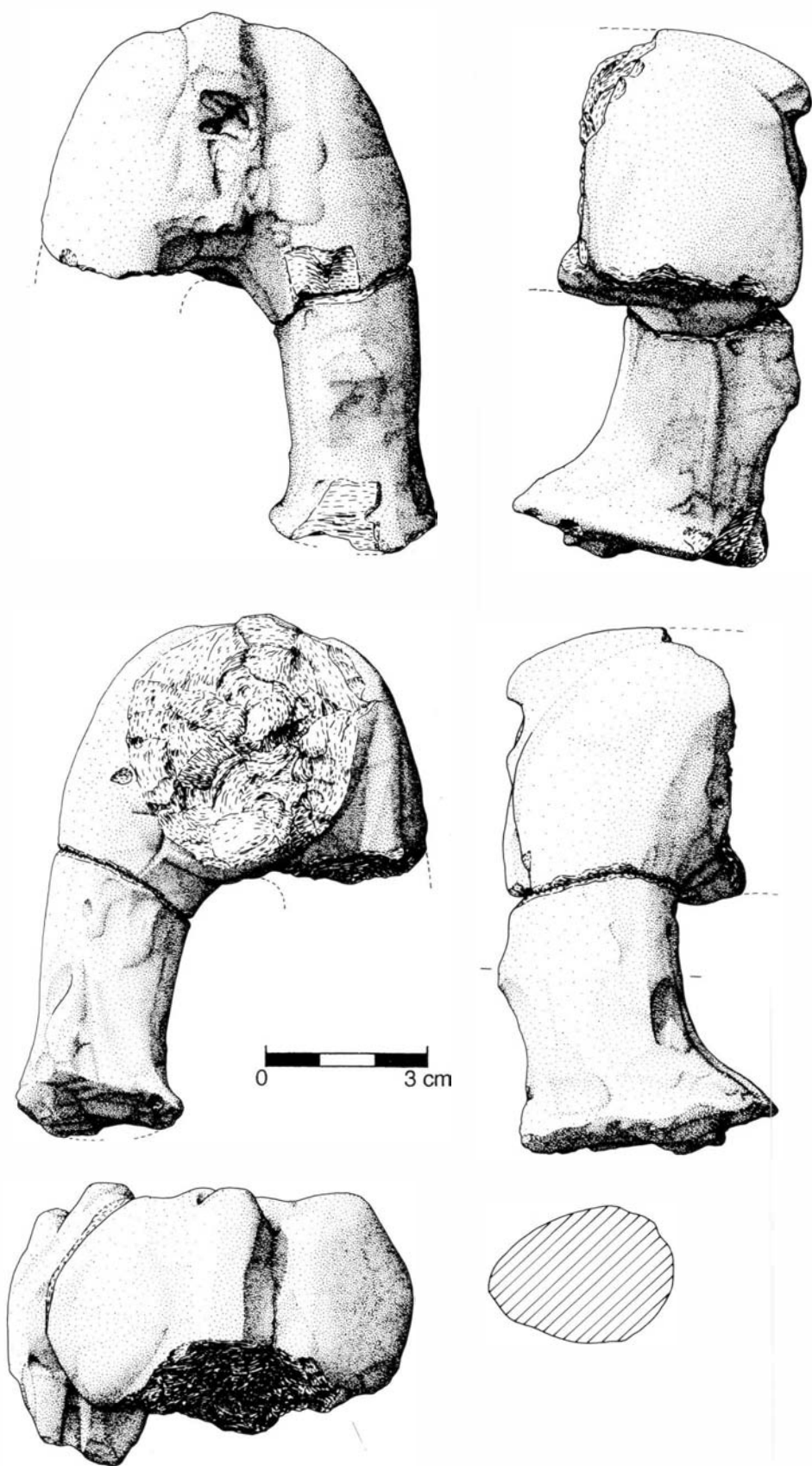


Fig. 7 – Leceia 1995/1996. Porção posterior de uma das estatuetas de terracota. Exemplos recuperados em 1995.

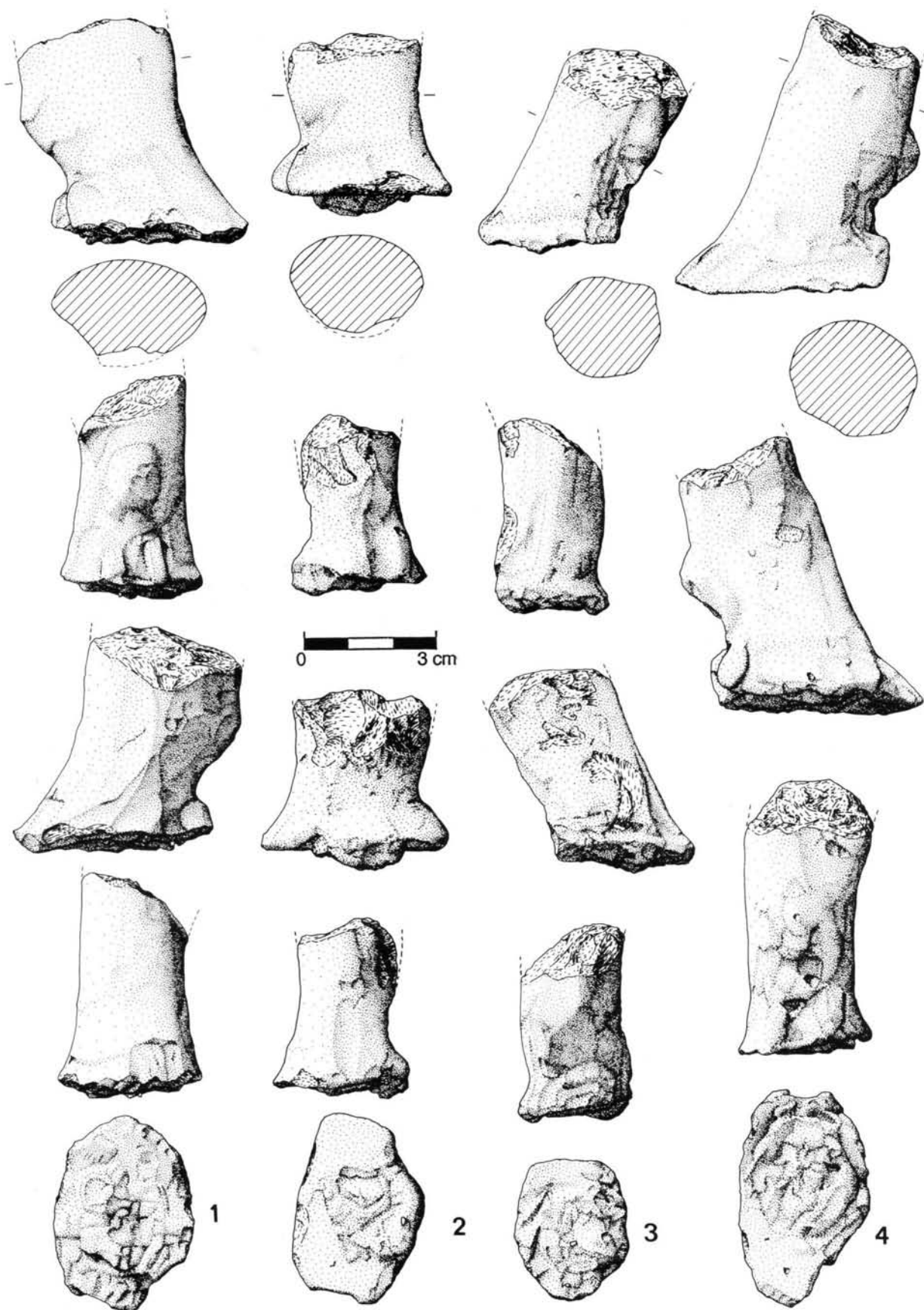


Fig. 8 – Leceia 1995/1996. Patas anteriores e posteriores, mais ou menos completas, das estatuetas de terracota estudadas. Exemplos recuperados em 1995.

3.3 - O fragmento do povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo)

Deste notável povoado calcolítico do Baixo Alentejo provém fragmento de cabeça de suíno de terracota, que o seu descobridor atribui, embora com reserva, a bovídeo (ARNAUD, 1993, p. 63 e Fig. 9, nº. 1). Com efeito, é flagrante a semelhança deste exemplar com cabeça de suídeo, sublinhada, em particular, com o exemplar do Carvalhal, pela existência, na face ventral, de duas depressões punctiformes também nele observadas. Na Fig. 10, nº. 4 reproduz-se a peça em apreço. Não se conhecem indicações estratigráficas que permitam situar culturalmente esta peça adrede o Calcolítico. Por outro lado, a pequena porção conservada não permite a determinação da tipologia do exemplar, o qual poderia corresponder a um vaso ritual ou a uma estatueta maciça, como as de Leceia.

3.4 - Outros paralelos

Em Portugal, deve referir-se, ainda, fragmento de terracota, maciço, representando provavelmente suídeo, recolhido no povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro, Azambuja (JALHAY & PAÇO, 1945, Fig. 5, nº. 6).

Em Espanha, entre diversos recipientes zoomórficos, alguns representando aves, com paralelos no fragmento do *tholos* de Marcela (LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 76, nº. 55), avulta o vaso, igualmente cerâmico, com a forma de bovídeo, exumado por Siret na necrópole de *tholoi* de la Sabina, Granada (LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 36, nº. 29). A respectiva morfologia, contradiz a hipótese, colocada em alternativa por SIRET (1913, Pl. IV), de corresponder a suídeo.

No Calcolítico do Sudoeste peninsular são de referir os ídolos do povoado de La Pijotilla, Badajoz (HURTADO, 1980), das quais alguns, como o da Fig. 13, se aproxima dos exemplares de Leceia.

Os paralelos extra-peninsulares, do Próximo-Oriente ou da região mediterrânea oriental, são muito abundantes; porém, na larga maioria dos casos, são da Idade do Bronze. De época calcolítica registam-se os recipientes com cabeça e corpo de suídeo de Troia II, com asa e bocal para a saída do líquido correspondente a parte posterior do corpo do animal (MÜLLER-KARPE, 1974, Tf. 335, nº. 28), como o reproduzido na Fig. 10, nº. 5, e a estatueta ou vaso de terracota de Abu-Hamid, Jordânia (o interior é oco, desconhecendo-se se possuía abertura, por se encontrar fracturado naquela zona); trata-se da representação de bovídeo, datável de cerca 3850 AC (DOLLFUS & KAFARI, 1992, Fig. 9).

BUCHHOLZ & KARAGEORGHIS (1973, nº. 1187) reproduzem estatueta de terracota que hesitam em classificar como de ursídeo ou de suídeo, suportando adiante pequeno recipiente com os membros anteriores, do Cicládico antigo de Syros, a qual se apresenta na Fig. 10, nº. 2. Não se pode, porém, atribuir demasiada importância a estes paralelos longínquos, ainda que coevos; as afinidades formais que documentam poderiam resultar, apenas, de fenómenos de convergência, além de que, nestes casos, se observa a representação de uma multiplicidade de outros animais. Os exemplares que maiores semelhanças mostram com os de Leceia, de todos os compulsados – trata-se também de estatuetas de corpo inteiro de terracota, de grande qualidade plástica – provêm de Nea Makri, Grécia Central, e remontam a ca. 6000 AC (GIMBUTAS, 1974, Fig. 215). Seja como for, o facto de, em território português, todas as representações pré-históricas homólogas conhecidas representarem este animal, terá evidente significado mágico-simbólico, remetendo tais peças para o grupo das “ideotécnicas”.

4 - SIMBOLISMO

Nobre o simbolismo do javali, quanto obscuro e vil o do porco, na generalidade das doutrinas religiosas (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1974), o javali aparece em relação estreita com a floresta na simbologia céltica, constituindo alimento sagrado em determinadas festas e cerimónias litúrgicas, enquanto que, na tradição cristã, é conotado com o demónio, ou como símbolo de devastação e impetuosidade.

Tanto os dois recipientes zoomórficos, da gruta do Carvalhal e do povoado fortificado de Olelas, cujo uso poderia ocorrer em cerimónias litúrgicas, talvez à maneira de píxides, como as diversas estatuetas de Leceia encerram um evidente simbolismo, sendo, estas últimas, objecto de culto, talvez em pequeno altar, como sugere a pequena dispersão dos

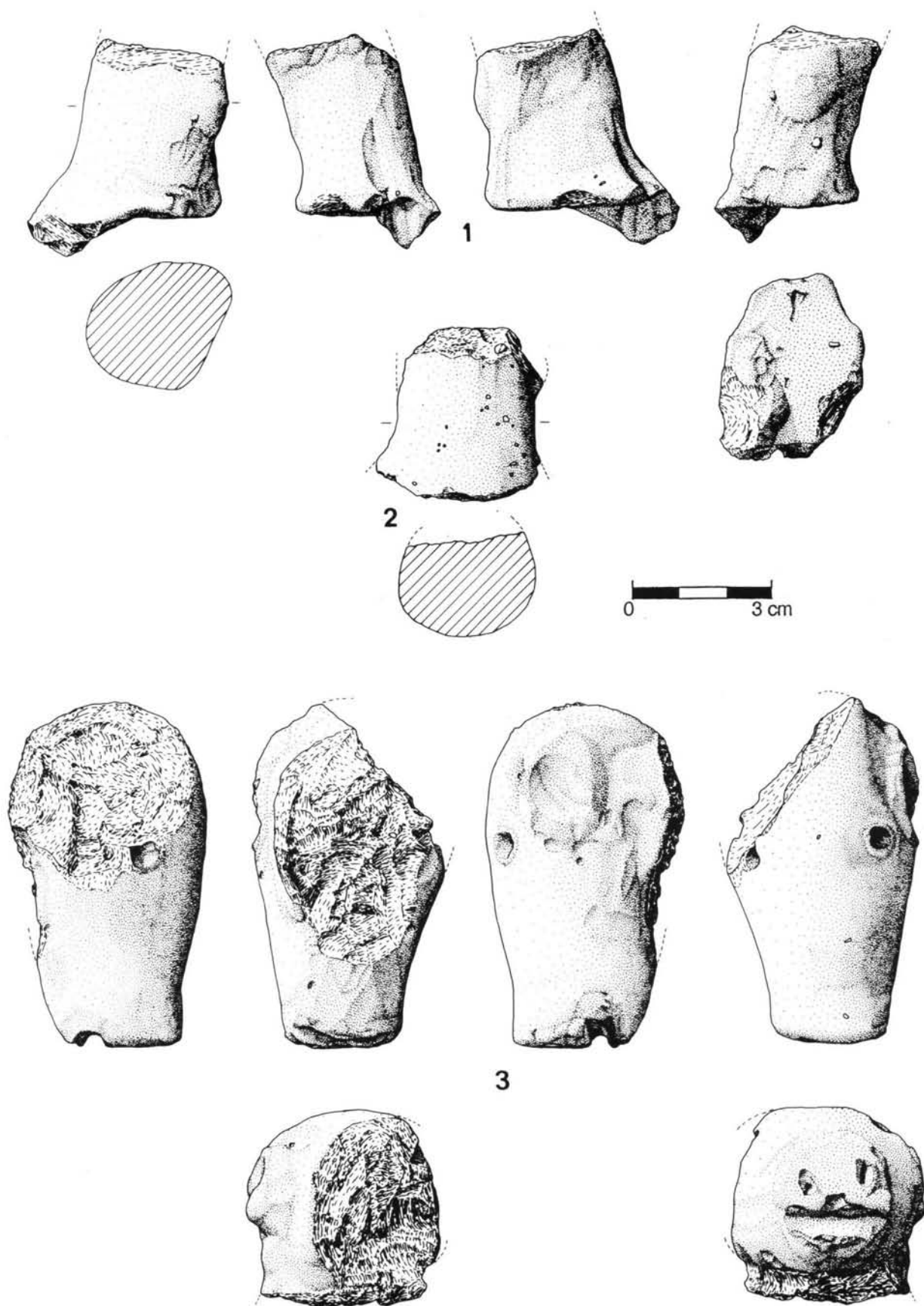


Fig. 9 – Leceia 1995/1996. Fragmentos das estatuetas de terracota, recuperados em 1996.

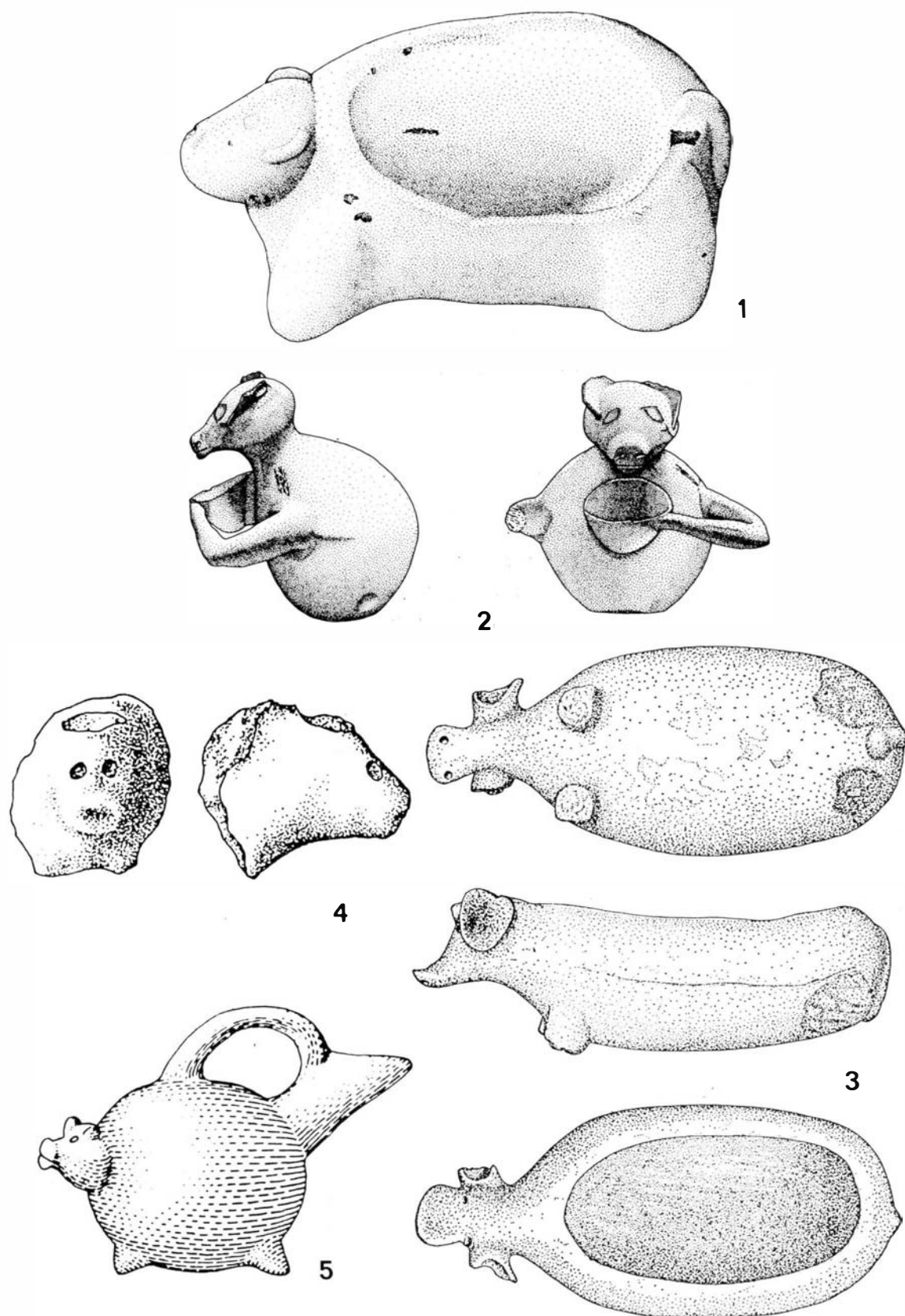


Fig. 10 – Recipientes rituais em forma de suídeos (1, 2, 3 e 5) (4): 1, de calcário, do povoado pré-histórico de Olelas (seg. SERRÃO & VICENTE, 1958, Est. IX; n.º 1); 2 - de terracota, do Cicládico Antigo de Syros (seg. BUCHHOLZ & KARAGEORGHIS, 1973, n.º 1187); 3 - de terracota, da gruta do Carvalhal, Aljubarrota (seg. SPINDLER & FERREIRA, 1974, Abb. 21); 4 - de terracota, do povoado calcolítico de Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (seg. ARNAUD, 1992, Fig. 9, n.º 2); 5 - de terracota, de Troia II (seg. MÜLLER-KARPE, 1974, Tf. 335, n.º 28). Escalas diferentes.

fragmentos exumados, pertencentes, pelo menos, a três exemplares. A representação sexual, explícita num deles, indica tratar-se de fêmea, em época do cio, como se evidencia do extraordinário realismo plástico que patenteia; além de testemunhar em, eventualmente, cultos de natureza totêmica ou zoolátrica, com origem pré-histórica (VASCONCELLOS, 1897), a deliberada representação de porca na época do cio sugere culto ligado à fertilidade e à procriação, justificada pela numerosa prole que caracteriza cada gestação desta espécie. Com efeito, GIMBUTAS (1989) associa o porco ao culto da Deusa Grávida; o seu rápido crescimento e formas rotundas evocava facilmente a ideia de fertilidade. A autora apresenta numerosos exemplos, de onde se destacam os seguintes:

- estatuetas de terracota com grãos de cereais impressos, Cultura de Cucuteni, Dniestr, do V milénio AC (GIMBUTAS, 1974, p. 211, Fig. 165);

- máscara de terracota, com a forma de cabeça de porco, da Cultura de Vinca, Macedónia, ca. 4500 AC (GIMBUTAS, 1989, Pl. 11);

- vaso de terracota com cabeça de porco, munida de duas argolas de cobre na orelha direita, considerado deste modo como epifania da Deusa, da Cultura de Karanovo, Roménia, ca. 4500 AC (GIMBUTAS, 1989, Fig. 226).

A associação do porco ao culto da fertilidade agrária, expressivamente sugerida pelas estatuetas de Cucuteni, prolonga-se pela Época Clássica. Na Grécia, a Deméter, deusa das sementeiras, eram oferecidos leitões, segundo ritual peculiar: “Women brought suckling pigs, which had been thrown into subterranean caves to rot three months before the festival, and placed them on altars with pinecones and wheat cakes in the shape of male genitals (...). The piglet's remains were believed to increase the capacity of the seed to germinate” (GIMBUTAS, 1989, p. 147).

Heródoto menciona no Antigo Egipto outro ritual, onde se efectuava o pisoteio das sementes pelos porcos que, deste modo, se enterravam no solo, germinando de seguida (op. cit., p. 147).

Também os Romanos, no Festival das Sementeiras, sacrificavam uma porca grávida a Ceres e a Tellus (Terra Mater).

No contexto dos rituais descritos se integram os fragmentos de porcas de terracota de Leceia, relacionáveis com cultos agrários de fertilidade, da terra e das sementeiras. Tais cultos terão atingido, por processo de difusão ainda pouco conhecido, o Ocidente europeu. Com efeito, a sua origem oriental, assinalada por RODRIGUES (1994/95), é sugerida pela maior antiguidade de algumas daquelas peças. No que à Pré-história da área estremenha e alentejana diz respeito, o culto da fertilidade encontra-se, aliás, bem documentado por pequenas esculturas de coelhos, utilizados como “pendeloques” ou amuletos, inventariadas por diversos autores, e em geral, situáveis no Neolítico final (LEISNER & LEISNER, 1951, p. 145; FERREIRA, 1970, Fig. 1; CARDOSO, 1992, p. 116).

No Noroeste peninsular, no decurso da Idade do Ferro, e mesmo da plena romanização se conhecem testemunhos (SANTOS JÚNIOR, 1975), embora correspondam a culto de índole diferente, visto algumas representações – sempre de machos – corresponderem a javalis, animal com significado muito diferente do porco, sendo associado, além da noção de vigor e destruição, à da morte (GIMBUTAS, 1989, p. 195), nas culturas pré-históricas europeias e do Próximo Oriente.

5 – CONCLUSÕES

1 - Este estudo dá a conhecer um conjunto de fragmentos de estatuetas maciças de terracota, pertencentes a, pelo menos, três suídeos – excepcionais, em contextos neolíticos ou calcolíticos peninsulares – recolhidas em área circunscrita, no decurso das campanhas de escavações realizadas em Agosto de 1995 e de 1996 no povoado pré-histórico de Leceia. Provêm da Camada 4, correspondente ao Neolítico final, fase cultural que, na estação, se situa na segunda metade do IV milénio AC. As condições do achado sugerem a existência de pequeno altar ou santuário, onde se efectuasse o respectivo culto.

2 - As características de um fragmento, conservando a porção posterior do corpo, mostra tratar-se de uma fêmea, na época do cio. O realismo da representação da zona sexual tem, aliás, equivalência na extraordinária qualidade

plástica do modelado das restantes partes anatómicas conservadas, observada tanto naquele como nos restantes fragmentos exumados, sem paralelo nas restantes peças comparáveis, designadamente os vasos da gruta do Carvalhal, Turquel, de terracota, de cronologia mal definida, provavelmente calcolítica, e o do povoado calcolítico de Oleas, de calcário sacaróide, além do fragmento, também calcolítico, exumado no povoado do Porto Torrão. Trata-se de peças de utilização litúrgica, talvez como píxides, evidenciando representações muito menos realistas que as dos exemplares de Leceia.

3 - Na Península Ibérica são raras as representações zoomórficas comparáveis. Avultam, entre estas, o vaso representando bovídeo, recolhido por Siret em *tholos* da província de Granada e alguns ídolos do povoado calcolítico de La Pijotilla. No Mediterrâneo Oriental e no Próximo Oriente, foram também compulsados alguns exemplares de recipientes zoomórficos mais antigos ou coevos dos agora estudados, de diversos animais, entre os quais suídeos. Aqui, trata-se inquestionavelmente de exemplares relacionados com cultos agrários de fertilidade, directamente conotados com a Deusa Grávida. Neste contexto, assume particular interesse o facto de um exemplar de Leceia representar porca na época do cio.

4 - Considera-se significativa a circunstância das três representações zoomórficas de Leceia corresponderem a suídeos. Tal conclusão é reforçada pelo facto dos restantes exemplares pré-históricos zoomórficos conhecidos na Estremadura portuguesa reproduzirem, idênticamente, tais animais. No estado actual dos nossos conhecimentos, a procura de explicações, de ordem simbólica, para a preferência dada à representação de suídeos, no decurso do Calcolítico da área estremenha deverá valorizar a sua extrema facilidade de procriação; no caso presente, a associação ao culto da fertilidade encontra-se sublinhada pela explícita representação, em um exemplar, do órgão sexual feminino, na época do cio. Tem paralelo estreito nos numerosos “pendeloques” e amuletos com a forma de coelho, animal de idênticas características, bem conhecidos na região, na mesma época. A sobrevivência de cultos 300 látricos verificou-se até época tardia, como sugerem as numerosas esculturas de suídeos, de indivíduos masculinos, da Idade do Ferro do NW peninsular, embora estas correspondam provavelmente, a um culto zoolátrico de raiz diferente.

BIBLIOGRAFIA

ARNAUD, J. M. (1993) - O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): Síntese das investigações realizadas. *Vipasca*, 2, p. 41-60.

BUCHHOLZ, H-G. & KARAGEORGHIS, V. (1973) - *Prehistoric Greece and Cyprus*. Phaidon Press. London.

CARDOSO, J. L. (1992) - A lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 89-225.

CARDOSO, J. L. (1994) - *Leceia 1983 - 1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras (número especial). Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (1995) - O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas (1983 - 1993). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (1), p. 115-125.

CARTAILHAC, E (1886) - *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Ch. Rheinwald. Paris.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. (1974) - *Dictionnaire des symboles*. Seghers. Paris.

DOLLFUS, G. & KAFARI, Z. (1992) - Abu Hamid, un asentamiento fundado en el Vº. milenio en el valle del Jordan (Jordania). *Arqueología Prehistórica del Próximo Oriente. Treballs d'Arqueologia*, 2, p. 99-125. Universitat Autònoma de Barcelona.

- FERREIRA, O. da Veiga (1971) – Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do Professor Manuel Heleno. *O Arqueólogo Português*, S. IV, 4, p. 165-173.
- FRANÇA, J. Camarate (1950) – A vazilha zoomorfa da gruta do Carvalhal (Turquel). *Mensário Administrativo de Angola*, 39/40, p. 95-98. Luanda.
- GIMBUTAS, M. (1974) – *The Gods and Goddesses of Old Europe: 7000 to 3500 BC: Myths, Legends and Cult Images*. Thames and Hudson. Londres.
- GIMBUTAS, M. (1989) – *The language of the Goddess*. Thames and Hudson. Londres.
- GONÇALVES, J. L. M. (1993) – O povoado de Olelas (Sintra) e o Calcolítico inicial na Estremadura. *Comunicação ao 1º. Simpósio Transformação e Mundaça* (Cascais, Abril de 1993). Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa/Câmara Municipal de Cascais.
- HURTADO, V. (1980) – Los ídolos calcolíticos de “La Pijotilla” (Badajoz). *Zephyrus*, 30-31, p. 165-203.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología Arqueología y Prehistoria*, 20, p. 55-141.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Süden*. Tafelband. Römisch-Germanische Forschungen. Band 17. Walter de Gruyter. Berlin.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Instituto para a Alta Cultura. Lisboa.
- MÜLLER-KARPE, H. (1974) – *Handbuch der Vorgeschichte*. Band III. Kuperzeit. München.
- RODRIGUES, M. C. M. (1994/95) – Origem pré-histórica de um culto zoomórfico. *Mediterrâneo*, 5/6, p. 235-242.
- SANTOS, M. Farinha dos (1972) – *Pré-história de Portugal*. Verbo. Lisboa.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos (1975) – A Cultura dos Berrões no Nordeste de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 22 (4), p. 353-516.
- SERRÃO, E. da Cunha & VICENTE, E. Prescott (1958) – O castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 39, p. 87-125.
- SIRET, L. (1913) – *Questions de chronologie et d’Ethnographie ibériques. 1 - de la fin du Quaternaire à la fin du Bronze*. Paul Geuthner. Paris.
- SPINDLER, K. & FERREIRA, O. da Veiga (1974) – Das vorgeschichtliche fundmaterial aus der gruta do Carvalhal/Portugal. *Madriider Mitteilungen*, 15, p. 28-57.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1897) – *Religiões da Lusitania*, 1. Imprensa Nacional. Lisboa.